

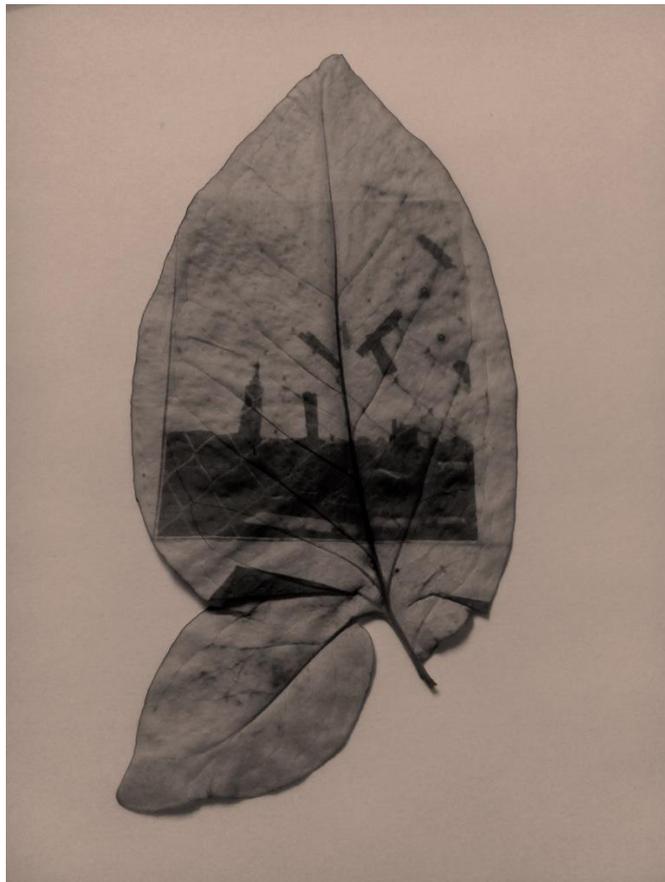


UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Natalia Negretti

***Veia arada: Velhices e Situações de Rua, uma etnografia***

**Volume II**



**Campinas**

**2023**

Natalia Negretti

***Veia arada: Velhices e Situações de Rua, uma etnografia***

**Volume II**

Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Doutora em Ciências Sociais.

Orientadora: Isadora Lins França

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA NATALIA NEGRETTI E ORIENTADA PELA PROF(A). DR(A). ISADORA LINS FRANÇA.

Campinas

2023

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

Negretti, Natalia, 1987-  
N312v Veia arada: velhices e situações de rua, uma etnografia / Natalia Negretti.  
– Campinas, SP: [s.n.], 2023.  
2v.  
Orientador: Isadora Lins França.  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas.

1. Centro de Acolhida Especial para Idosos. 2. Velhice. 3. Pessoas em  
situação de rua. 4. Prisões. 5. Antropologia urbana. I. França, Isadora Lins,  
1978-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas. III. Título.

Informações Complementares

**Título em outro idioma:** Plowed vein: old age and street Situations, an ethnography

**Palavras-chave em inglês:**

Old age

Homeless persons

Prisons

Urban anthropology

**Área de concentração:** Ciências Sociais

**Titulação:** Doutora em Ciências Sociais

**Banca examinadora:**

Nashieli Cecilia Rangel Loera

Anelise dos Santos Gutterres

Guita Grin Debert

Simone Miziara Frangella

Taniele Cristina Rui

**Data de defesa:** 02-06-2023

**Programa de Pós-Graduação:** Ciências Sociais

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-8446-4851>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/6152333283821272>



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Tese de Doutorado, composta pelas Professoras Doutoradas a seguir descritas, em sessão pública realizada em 02/06/2023 considerou a candidata Natalia Negretti aprovada.

Prof(a). Dra. Nashieli Cecilia Rangel Loera

Prof(a). Dra. Anelise dos Santos Gutterres

Prof(a). Dra. Guita Grin Debert

Prof(a). Dra. Simone Miziara Frangella

Prof(a). Dra. Taniele Cristina Rui

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

**Resumo:** Nesta pesquisa busquei compreender governamentalidades na articulação de políticas em torno de envelhecimento e situação de rua, tendo como foco os processos de institucionalização e os trânsitos envolvendo espaços de acolhida e pessoas idosas em situação de rua. Seu objetivo geral é compreender como a “população idosa em situação de rua” ganha sentido nas políticas públicas contemporâneas e as formas pelas quais essas políticas imprimem marcas nas trajetórias de pessoas atendidas como “pessoas idosas em situação de rua” em equipamentos públicos, trajetórias as quais também estão para além da categorização administrativa. A estratégia metodológica primordial foi a realização de uma etnografia em um Centro de Acolhida Especial para Idosos (CAEI), denominada nesta tese como Estação Sentinela, gerido por uma instituição não governamental em convênio com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Assistência Social (SMADS) da cidade de São Paulo. Com atenção a formas de gestão na Estação Sentinela a partir das regras internas e moralidades, envoltas em convenções em torno de gênero, idade, classe, raça e sexualidade no cotidiano, na etnografia, conferiu-se especial atenção ao exercício de reconstrução das trajetórias dos interlocutores, dos seus trânsitos entre diferentes instituições e das relações entre cuidado e controle que se desenhavam nesses percursos. Em meio à etnografia, emaranharam-se também as políticas de assistência social e outras políticas municipais, como também de outras instâncias federativas, sugerindo diferentes sentidos e memórias acerca de velhices e situações de rua no âmbito da atuação do Estado. Tais emaranhamentos conduziram a uma estratégia metodológica adicional, a investigação dos processos socio-históricos que relacionaram velhices, ruas e prisões desde a escravização, de modo a problematizar a ideia de que o encontro entre velhices e situações de rua trata-se de um fenômeno social absolutamente novo. É desta forma que o estudo, ao tratar da simultaneidade de processos de “acolhida” e “recolhida” em termos políticos de Estado, aponta, em seu trajeto, que se o problema não é novo, o tratamento dado a ele sim. Como binômio, acolhida-recolhida, alude, entre outras questões nos relacionais atos de acolher e recolher, que se o primeiro processo é predominante no reconhecimento que estabelece um equipamento público e transforma em um sujeito de direitos a “Pessoa Idosa em situação de rua”, o segundo continua a produzir também situações de rua. Organizada em dois diferentes volumes, a tese apresenta no seu segundo volume um material visual constituído ao longo do trabalho de campo, partilhas e interlocução, de modo a oferecer outras maneiras de aproximação aos interlocutores e ao seu cotidiano compartilhado com a pesquisadora.

**Palavras-chave:** Centro de Acolhida Especial para Idosos; Velhice; Pessoas em situação de rua; Prisões; Antropologia urbana.

**Abstract:** In this research, I sought to understand governmentality in the articulation of policies around ageing and homelessness, focusing on institutionalization processes and transits involving spaces for welcoming older people and homelessness. Its general objective is to understand how the “seniors living on the streets” is signified in contemporary public policies and how these policies imprint on the trajectories of people assisted as “elderly people living on the streets” in public facilities, trajectories which are also beyond administrative categorization. The primary methodological strategy was to carry out an ethnography in a reception center for elderly people living on the streets (CAEI), named in this thesis as Sentinela Station and managed by a non-governmental institution in partnership with the Municipal Secretariat for Development and Social Assistance (SMADS) in the city of São Paulo. With attention to forms of management at the Sentinela Station based on internal rules and moralities, wrapped in conventions around gender, age, class, race and sexuality in everyday life, special attention was given in ethnography to the exercise of reconstructing the trajectories of the interlocutors, of their transits between different institutions and of the relations between care and control that were outlined in these paths. In the ethnography it became noticeable that social assistance policies, other city policies, and those of other federative instances, were intertwined, suggesting different meanings and memories about old age and situations of homelessness within the scope of State action. Such entanglements led to an additional methodological strategy, which was the investigation of the socio-historical processes that linked old age, streets, and prisons since the days of slavery, to problematize the idea that the encounter between old age and street situations is an absolutely new social phenomenon. In this way, when dealing with the simultaneity of processes of “welcoming” and “withdrawal” in terms of State policies, the study points out that if the problem is not new, the treatment given to it is. As a binomial, welcoming-receiving, alludes, among other issues in the relational acts of welcoming and recalling, that if the first process is preponderant in the recognition that establishes a public equipment and transforms the “elderly person in a street situation” into a subject of rights, the second, continues to produce situations of homelessness. Organized in two different volumes, the thesis presents in its second volume a visual material constituted throughout the fieldwork, exchanges and interlocution to offer other forms of approaching the interlocutors and their daily life shared with the researcher.

**Key words:** Special Shelters for older homeless People; Old age; Homeless, Prisons; Urban anthropology.

**Resumen:** En esta investigación, busqué comprender la gubernamentalidad en lo que se refiere a la articulación de políticas en torno al envejecimiento y el sinhogarismo, con foco en los procesos de institucionalización y tránsitos que involucran espacios de acogida y personas mayores en situación de calle. Su objetivo general es comprender cómo la “población anciana en la calle” cobra sentido en las políticas públicas contemporáneas y las formas en que estas políticas imprimen sus huellas en las trayectorias de las personas atendidas como “ancianas en la calle” en equipamientos públicos, trayectorias que también escapan a la categorización administrativa. La estrategia metodológica primaria fue realizar una etnografía en un centro de acogida de personas mayores en situación de calle (CAEI), denominado en esta tesis como Estación Sentinela, administrado por una institución no gubernamental en alianza con la Secretaría Municipal de Desarrollo y Desarrollo Social. Asistencia (SMADS) en la ciudad de São Paulo. Con atención a las formas de gestión en la Estación Sentinela basadas en normas y morales internas, envueltas en convenciones en torno al género, la edad, la clase, la raza y la sexualidad en la vida cotidiana, en la etnografía se prestó especial atención al ejercicio de reconstrucción de las trayectorias de los interlocutores, de sus tránsitos entre diferentes instituciones y de las relaciones entre cuidado y control que se perfilaron en estos caminos. En medio de la etnografía, las políticas de asistencia social y otras políticas municipales, así como las de otras instancias federativas, también se entrecruzaron, sugiriendo diferentes significados y memorias sobre la vejez y las situaciones de calle en el ámbito de la acción del Estado. Tales enredos llevaron a una estrategia metodológica adicional, que fue la investigación de los procesos sociohistóricos que vincularon la vejez, las calles y las cárceles desde la época de la esclavitud, con el fin de problematizar la idea de que el encuentro entre la vejez y las situaciones de la calle es se trata de un fenómeno social absolutamente nuevo. Es así que el estudio, al abordar la simultaneidad de procesos de “acogida” y “retirada” en materia de políticas de Estado, señala que si el problema no es nuevo, el tratamiento que se le da lo es. Como binomio acoger-recibir alude, entre otras cuestiones en los actos relacionales de acoger y recoger, que si el primer proceso es predominante en el reconocimiento que instaura un equipamiento público y transforma al “anciano en situación de calle” en sujeto de derechos, el segundo sigue produciendo también situaciones de calle. Organizada en dos volúmenes diferentes, la tesis presenta en su segundo volumen un material visual constituido a lo largo del trabajo de campo, el compartir y la interlocución, con el fin de ofrecer otras formas de acercarse a los interlocutores y su cotidianidad compartida con el investigador.

**Palabras-clave:** Centro de Acogida para Adultos Mayores; Vejez; Personas en situación de calle; Prisiones; Antropología urbana.

*De tempo somos.  
Somos seus pés e suas bocas.  
Os pés do tempo caminham em nossos pés.  
Cedo ou tarde, já sabemos, os ventos do tempo apagarão as pegadas.  
Travessia do nada, passos de ninguém? As bocas do tempo contam a  
viagem.*

- Eduardo Galeano {Tempo que diz}

## Sumário

Introdução .....	10
<b>Parte 1 – Na Estação Sentinela.....</b>	<b>17</b>
Pórtico .....	18
Rente e 1º piso .....	20
Estufa.....	24
Cestas .....	28
Entre Andares, Pássaros e Flores .....	32
Pregados .....	38
Sussurro em teia: roça dos dias, brotos do tempo e verteras veias .....	42
Um Outono na Estação .....	47
<b>Parte II – A partir da Estufa .....</b>	<b>50</b>
Guarida Damaris.....	51
Riachão .....	53
Busca e encontro com Piá .....	55
Guarida Acidália .....	57
<b>Parte III – Um certo depois .....</b>	<b>59</b>
Reencontros e Pareceres das Trajetórias etnobiografadas .....	60
A Estação Sentinela anos depois .....	63
<b>Parte IV - Montar e Desmontar Lembranças.....</b>	<b>67</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>85</b>

## Introdução

*Eu que me posto exato entre teus lados  
 Determino teu centro, sou teu vinco  
 Finco o estandarte em teu terreno tenro  
 Em teu terreno tenro, em teu terreno  
 Tu de par em par e essa passarela  
 Da veia de tua frente até o vazio  
 Entre teus pés, teus pés outrora doces  
 Hoje amargados de asperezas-passos  
 Ásperos passos, pássaros sem fio  
 Que obrigas-te a evocar em danças-ansas  
 Danças que danças e lanças pra longe  
 [...]*

- Vinco  
 Caetano Veloso

A abordagem de Etienne Samain (1997) frente à materialidade da fotografia como ferida e cicatriz, a qual me conduz a Vinco, composição de Caetano Veloso, pode ser lida a partir da ideia de presente na sua forte relação com as Memórias e com o Tempo. O tempo, impossível chão fixo que dispersa e colhe tanto (em) tantos chãos quanto (em) tantos períodos, se considerado como aquele que pode também evocar e não somente ser evocado, vincula-se à fotografia, a qual tem a propriedade de abrir fendas no tempo nas efemeridades de sua dificultosa captura:

Pequena queimadura de luz sobre uma superfície sensível (como uma alma) – os nitratos de prata, pele e ao mesmo tempo – a fotografia é, na sua materialidade, tanto uma ferida como uma cicatriz, uma fenda aberta no tempo, rachadura do espaço, uma marca um rastro, um indício (SAMAIN, (1997: XIX).

Ao apresentar a trajetória de uma fotografia, Boris Kossoy (2001, p. 45) atentou que “toda fotografia tem atrás de si uma história”. O mesmo autor relaciona fotografia com testemunho: “toda fotografia representa o testemunho de uma criação” e “a criação de um testemunho” (KOSSOY, 2001, p. 50).

Esse volume da tese é de cunho fotoetnográfico, a partir da abordagem de Luiz Eduardo Achutti (1997) e sua sugestão de busca da “importância da linguagem fotográfica no espectro do trabalho antropológico, no que essa linguagem tem a somar, a narrar [...]” (ACHUTTI, 1997, p. 38). Sigo o empreendimento do autor de não conferir legendas às imagens e me atenho à ideia, entretanto, de apresentar subcapítulos da fotoetnofotografia.

No que concerne à dimensão da fotoetnografia, “a partir do trabalho com a imagem fixa, a imagem fotográfica” (ACHUTTI, 1997, p. 39), faço uma continuidade de sua proposta num então “exercício visual”, ainda nos termos de Achutti (1997). Nesse sentido, o exercício a que me refiro concerne a um trabalho realizado com fotografias de dois “tempos”- durante e depois do chamado período de campo -, por meio de feitura e desfazimento de forma imagética. Esse fazer simultâneo engloba essa corda bamba que pode significar “fim de campo” e o campo vasto de relações enquanto

relevos, resquícios e escapes dessa etnografia; memórias, tempo, distanciamento, pseudônimos, anonimato e afetos.

O reconhecimento de partilhas, tanto de interlocução quanto de “passado em convívio com o presente”, tornou-se uma presença etnográfica. Assim como escolhi, durante e na escrita, não separar rigidamente essas questões, numa parte desse volume, de forma imagética, também se articulam passado e presente. Como mostrou Mariza Peirano (2008, p. 4): “a personalidade do investigador e sua experiência pessoal não podem ser eliminadas do trabalho etnográfico. Na verdade, elas estão engastadas, plantadas nos fatos etnográficos que são selecionados e interpretados” (PEIRANO, 2008, p. 4).

Afetos suscitados em encontros e tempo incidentes já anteriormente às primeiras ações em torno de fotografias e não restritas ao ato de fotografar, como exporei mais adiante, mas articuladas às intensas relações com e do tempo, estiveram presentes durante a etnografia.

As fotografias nessa pesquisa de campo se relacionaram de forma espiralada ao que Donna Haraway (1995) convencionou como conhecimento situado e saber localizado; desde as fotos na etnografia à localização de emoções e memórias nos fazeres fotográficos. Fotografias, feitas, revisitadas e mexidas situaram emoções e foram simultaneamente formas de fazer lembrança e de lembrar: “todos os olhos, incluídos os nossos olhos orgânicos, são sistemas de percepção ativos, construindo traduções e modos específicos de ver, isto é, modos de vida. Não há nenhuma fotografia não mediada” (HARAWAY, 1995, p. 22).

Roland Barthes (1984) definiu a co-presença de *studium* e *punctum* ao nos depararmos com fotografias. Enquanto o *studium*, em suma, se relaciona a contratos culturais – “sem acuidade particular” (BARTHES, 1984, p. 45), entre espectador e produtor, em torno da imagem<sup>1</sup>, o *punctum*<sup>2</sup> quebra e contraria o *studium*, parte da cena e punge; “como uma flecha, e vem me transpassar” (BARTHES, 1984, p. 46); “[...] é também picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte – e também lance de dados” (BARTHES, 1984, p. 46).

O *punctum* de uma foto, diz Barthes (1984, p. 46) “é esse acaso que, nela, me punge (mas

---

<sup>1</sup>“Eu não via, em francês, palavra que exprimisse simplesmente essa espécie de interesse humano; mas em latim, acho que essa palavra existe: é o *studium*, que não quer dizer, pelo menos de imediato, estudo, mas a aplicação a uma coisa, o gosto por alguém, uma espécie de investimento geral, ardoroso, mas sem acuidade particular” (BARTHES, 1984, p. 45); “É pelo *studium* que me interesso por fotografias, quer as receba como testemunhos políticos, quer as aprecie como bons quadros histórico: pois é culturalmente (essa conotação está presente no *studium*) que participo das figuras, das caras, dos cenários das ações” (BARTHES, 1984, 45-46); “Reconhecer o *studium* é fatalmente encontrar as intenções do fotógrafo, entrar em harmonia com elas, aprova-las, desaprová-las, mas sempre compreendê-las, discuti-las em mim mesmo, pois a cultura (com que tem a ver o *studium*) é um contrato feito entre criadores e consumidores” (BARTHES, 1984, p. 48).

<sup>2</sup>“Em latim existe uma palavra para designar essa ferida, essa picada, essa marca feita por um instrumento pontudo; essa palavra me serviria em especial na medida em que remete também à ideia de pontuação e em que as fotos de que falo são, de fato, como que pontuadas, às vezes até mesmo mosqueadas, com esses pontos sensíveis; essas marcas, essas feridas são precisamente pontos” (BARTHES, 1984, p. 46).

também me mortifica, me fere)”. O *punctum* passa também, na abordagem de Barthes, pela ação, noção e sensação dos detalhes: “como a fotografia é contingência [...] ela fornece de imediato esses “detalhes” (BARTHES, 1984, p. 49). Os detalhes na imagem, que, nesses termos, podem ser aproximados de encantamentos e feridas vinculados à interlocução, “a período” e “pesquisa” de campo, compondo vínculos então com interlocutores, dias, suas histórias, histórias com elas e eles, relações, detalhes, subjetividades e emoções, podem ser estendidos, como aqui busco fazer, também às memórias.

Encantamentos e feridas estiveram presentes num primeiro exercício subjetivo com imagens realizados durante o período de campo. Se por meio de uma técnica chamada fitotipia, que, em suma, se refere à geração de imagens em folhas vegetais, emoções e subjetividades foram trabalhadas sem palavras, como pode ser o ato de fotografar, “olhar” e “lembrar” posteriormente para essas questões e para “imagens”, na ocasião de feitura desse volume e do volume I, revelaram pontos concernentes a temporalidades e maneiras pelas quais tive “pensamentos incorporados” (ROSALDO, 2019) na passagem do tempo etnográfico. A impressão de cada imagem, a qualidade fitotípica de cada folha vegetal, imprevisibilidade e desaparecimento, como alguns dos fatores da fitotipia, vinculam não somente a unicidade de cada interlocutor, mas também de cada relação. A fitotipia, como parte de atos durante o período etnográfico, se vinculava com duas ações que a antecederam: jardinagem e fotografias.

Sobre nenhum dos três fazeres eu me debruçava a contar de palavras. Menos palavras e mais não palavras estiveram também nas primeiras reflexões a respeito. Vale dizer que na ocasião em que escrevi - como parte necessária de um ensaio visual - sobre fitotipia e interlocução, transformações estavam em seguimento; o “fim de período de campo” era vinculado também à saída da instituição gestora da Estação Sentinela. Esses trajetos estiveram presentes em lembranças no decorrer da feitura da tese. Tal fazer contemplou, dessa forma, um período que ecoou também efeitos e atos - e companhias - durante o período de pesquisa de campo. As reflexões tecidas aqui são articuladas pelo processo de escrita, que se fez mútuo com lembranças e seus vínculos com imagens - não só por meio de fotos, e fotografias.

Desde o início da pesquisa de campo, as plantas da Estação Sentinela, o tempo observável com e a partir delas e habitantes que as aguavam e sobre elas falavam chamavam minha atenção. Essas observações, durante o mesmo período, tiveram rumos não necessariamente escritos, tais como registros fotográficos, assim como outras dimensões de afeto estavam junto com a Estação Sentinela em meus trajetos entre idas e vindas para e de lá, a partir dali e não restritas a um “lá” e “fixo”. Relacionar tanto em observar quanto em fotografar tempo(s), plantas, pessoas e cidade foi um exercício coetâneo ao início do período de campo. Esse dentro e fora, também em trânsito, intensificou uma vontade pessoal de fazer um curso de jardinagem. Tal anelo foi arrebatado pela

Estação Sentinela ao mesmo tempo em que tal instituição, o convívio nela e com ela e as interlocuções fitaram meus interesses. Do mesmo modo, temas das fotografias na e da Estação Sentinela tiveram expansão. Atos e fotografias então não somente do campo, mas relacionadas a ele, a contar dele.

A fitotipia, que vincula tanto imagens quanto folhas vegetais, foi, conforme exposto anteriormente, um exercício subjetivo - cujo silêncio compreendo mais com o decorrer do mesmo tempo que assoalha períodos que escorreram - íntimo entre sensações, interlocuções e pesquisa de campo. Sem palavras, a fitotipia trazia e manejava emoções vinculadas ao tempo, que marcava também fotografias. Tal técnica gerava imagens a partir de outras e como experimento imprevisível já bagunçava a ideia de uma captura pretenciosa, rígida e de fatos. Com a fitotipia as imagens não são imóveis, assim como não são nem as lembranças e nem reencontrar fotografias. Admitir o encontro desses fazeres com a pesquisa de campo reimprimiu a fitotipia – e seus sentidos relacionados à Estação Sentinela e interlocução - durante o fazer a tese do trabalho ao qual ela se vinculou. Tal admissão, trazida a essa ocasião em forma de reflexão e escrita, passou pelo reconhecimento estimulado por Michele Rosaldo (2019, p. 39) “do fato de que o sentimento se forma sempre através do pensamento e que o pensamento é carregado de significado emocional” (ROSALDO, 2019, p. 38).

Nessa toada, é preciso mencionar que se durante o período de campo me relacionar com esses conteúdos se deu em outros espaços e horários de minha vida primeiramente pela fitotipia sem uma atenção reflexiva a respeito, a lembrança, o tempo e as emoções estavam já nas fotografias. As fotografias compunham um conjunto que exalava sensações e foi em torno destas o trabalho fitotípico. E talvez por isso tal técnica tenha sido arrebatadora no percurso de pesquisa e no meu durante a pesquisa de campo. Somente depois, ao lembrar e refletir de forma conjunta, é que se tornou perceptível também que o próprio ato de fotografar durante a etnografia se transformou durante ela: fotografar também como fazer lembrança e trabalhar as lembranças por meio de imagens.

Na escrita da tese, essas reflexões suscitadas por lembranças, fossem as registradas imagneticamente que continuavam comigo, fossem as não fotografadas que em mim também estavam, se misturavam; evocavam e eram evocadas. Como abordou Ecléa Bosi (1994, p. 407) “somos, de nossas recordações, apenas testemunhas”. Sobre tempo e relações, importante também a menção, por parte da autora, de que “muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas ideias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma história dentro da gente” (BOSI, 1994, p. 407).

Esse reconhecimento possibilita também uma extensão relacional. Do mesmo modo que histórias de interlocutores e suas trajetórias têm o poder de refazerem pressupostos etnográficos assim como a interlocução e categorias êmicas fazem e refazem ideias de pesquisadores, na etnografia a convivência e a memória dos outros e com outros fazem, expiram e inspiram memória. E as fotos, com as quais me deparei na ocasião da feitura da tese, também disso me fizeram lembrar. Memória,

escrita e fotos se juntaram intensa, confortável e desconfortavelmente.

Ao tratar da memória como monumento, involuntária e perturbação, Alessandro Portello (2016, p. 45) considera que a memória, em grande medida, funciona como um músculo involuntário: “Para usarmos uma analogia, a memória é como a respiração: podemos respirar bem ou respirar mal, podemos respirar um ar bom ou ruim, mas não podemos parar de respirar por muito tempo”. Ao empreender que a memória não é boa nem má, o autor nos informa que não seria por acaso variados moldes de imagens literárias de memória involuntária.

Um assoalho emotivo na minha passagem pela Estação Sentinela frente às ambivalências sentidas durante o período de campo foi reabitado no fazer a tese também por memória e fotografia. Partilhas, dúvidas, rigores e não rigores e método e não método que no pretérito período de campo teceram questões, durante a escrita formavam e chegavam (em) memórias, tanto tranquilizantes quanto de perturbação, e em “pensamentos incorporados” (ROSALDO, 2019).

E nas fotos? O que fazer com os pseudônimos e anonimatos quando também não desejados, como por exemplo, por Salgueiro, que, no mesmo dia em que leu sua trajetória etnobiografada me disse tantas outras coisas não ditas durante o período de campo porque “naquele agora eu não era mais pesquisadora e sim sua amiga” e pediu que a tese tivesse uma foto nossa? O que de nossas fotos poderia ser mantido sem deixar seu rosto num material publicado como em minhas redes pessoais, nas quais nossa amizade aparece? O que fazer também com um reflexo meu em uma das fotos do dia da mudança da Avença da Compaixão?

Essa memória etnográfica, articulada à fotografia e feitora também desse volume fotoetnográfico, dialoga, desse modo, com a reflexão de Suely Kofes (2020, p. 18-19) ao sugerir que a visibilidade do sensível interfira reflexão e análise: “Antropólogos escrevem, e não apenas escrevem. O que sugiro pode nos deslocar da escrita para a grafia (aqui recuando ao sentido etimológico arcaico de graphein, grapho, ou seja, a sinais de rastreamento, a linhas, a gravar, a arranhar, e escrever)”. Para a autora, uma vez que a antropologia é habitada por “conhecimentos, experiências e expressões múltiplas” (KOFES, 2020, p. 21), “[...] deslocar a grafia [...]” possibilita o reconhecimento da “escrita como uma – e o valor predominante que pode ter – entre outras maneiras de descrever, narrar e analisar” (KOFES, 2020, p. 21).

Se registros imagéticos e etnografia contemplam, nesse trabalho, uma lembrança não fechada, importante mencionar também que a memória etnográfica, além de não ter se encerrado no “fim do período de campo”, escapou de horários e espaços restritos “aos/de campo” enquanto a pesquisa de campo ainda estava em processo. Desse modo, expor vínculos entre ruídos, memória e etnografia intenciona não esquecer tais presenças nas maneiras de descrição, narração e análise. Presentes em companhia de mais palavras no volume I, aqui seguem mais com imagens.

Nesse sentido, a parte desse volume que procura reunir misturas de tempos assume

também, tanto no tornar presente quanto no selar pretéritos, sentimentos como, nos termos de Rosaldo (2019, p. 39), “práticas sociais organizadas por histórias que nós encenamos e contamos [...] estruturadas por nossas formas de compreensão” de forma imagética. Em tal trecho, são apresentados desmontar e montar imagens como atos simultâneos no que concerne às memórias etnográficas. O mantimento de unicidades e singularidades de interlocutores, relações e detalhes nessas memórias está atrelado ao que Marilyn Strathern (2014, p. 346) chamou de “recriação imaginativa de alguns dos efeitos da própria pesquisa de campo”. Vale relacionar então recordar, registrar e imagens à proposta da autora quanto a campos duplicados e abordagem de imersão e escrita na etnografia. Strathern pontua também sobre os campos da etnografia: “um deles cria o outro, mas tem também sua própria dinâmica ou trajetória” (STRATHERN, 2014, p. 346).

Etnografia, Partilha e Recordação seguem misturadas nesse volume. Enquanto a primeira e a segunda parte reúnem fotografias do período de pesquisa de campo e a terceira, traz, entre os anos seguintes, um retorno à Estação Sentinela e reencontro com interlocutores, a quarta parte intima um trabalho com memória e fotografia, a partir da relação entre ambas, de forma imagética.

Dessa forma, esse volume se fez como um quando, conforme abordagem de Carlos Rodrigues Brandão (2004, p. 28) “as fotografias não são uma pausa no texto, mas uma outra fala”. Junto de pretéritos de “leitora-olhadora” e “etnógrafa-não fotógrafa, mas que fotografa”, evocando termos do autor, se alia a um “alargamento realizado em nome da possibilidade de podermos chegar a estabelecer uma reflexão de sentidos e de sensibilidades por meio do desafio infundável da imagem fotográfica” (BRANDÃO, 2004, p. 36). Importante mencionar também que esse volume se aproxima, de forma vincular, de uma definição de “foto” – que articula imagem, passagem e memória - feita pelo autor: “E se a foto é a imagem de um presente tornado perene, aquilo que foi entrevisto por um momento, daquela maneira e assim foi fixado, tornado um espelho que continua refletindo o rosto da pessoa mesmo quando ela já não está ali, mesmo quando ela já não está entre os “vivos” dali ela se eleva à categoria de memória” (BRANDÃO, 2004, p. 40). As partes I, II e III desse volume se aproximam dessa perspectiva como um conjunto de “foto(s) com presente(s) tornado(s) perene(s)”, registrado desde, com e durante a interlocução no período de campo, mas remirado e organizado tempos depois. Já a quarta parte se esparrama mais por trabalhar imageticamente com o que o autor conferiu como memória e reflexo.

O rosto que se elevou à memória e ao reflexo, em consonância com a definição de “foto” do autor, se referiu, na feitura da tese, ao rosto da Estação Sentinela e da interlocução, tornado espelho que continuava a refletir. Rosto cheio de rostos de interlocutores. Se o rosto da Estação Sentinela e da interlocução referido se eleva à memória por ser pretérito – não ser mais o mesmo – e “já não estar mais ali”, é preciso mencionar na mudança desse rosto, rostos “não mais ali” e rostos que “já não estavam entre os ‘vivos’ dali”. No rosto da Estação Sentinela e da interlocução que se

elevou, se elevaram rostos, que “estavam e não estavam entre os ‘vivos’”. O se elevar desse rosto cheio de rostos, durante a feitura da tese, ecoou também formas e noções, variadas e vinculadas, de vidas e de vida, aparição, desaparecimento e passagem, amalgamadas com existências de interlocutores de pesquisa, com relações entre nós e com o período da pesquisa de campo.

Desse modo, a parte I, *Na Estação Sentinela*, compõe uma narrativa fotoetnográfica da pesquisa de campo na instituição e sobre esta. Na parte II, *A partir da Estufa*, estão apresentados alguns registros imagéticos de trânsitos realizados também no período de campo. Já a terceira parte desse volume, chamada *Um certo depois*, tem como alicerce dois conjuntos de registros imagéticos. Enquanto *Reencontros e Pareceres das Trajetórias etnobiografadas* contempla *encontros de novo* com alguns interlocutores e leituras dos textos, *Estação Sentinela anos depois* apresenta movimentos do tempo na instituição, desde na sua composição organizacional e espacial ao de seu entorno. Por fim, a parte IV, *Montar e Desmontar Lembranças*, manifesta atos e efeitos de desfeitas e feitas de memórias fotográficas e etnográficas, considerando encontros e reencontros e embaçando fronteiras também de períodos.

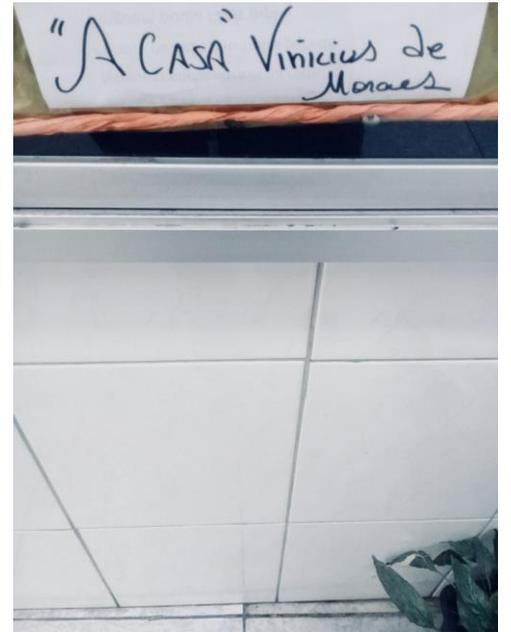
# **Parte 1 – Na Estação Sentinela**

# Pórtico



Rente e 1<sup>o</sup>  
piso







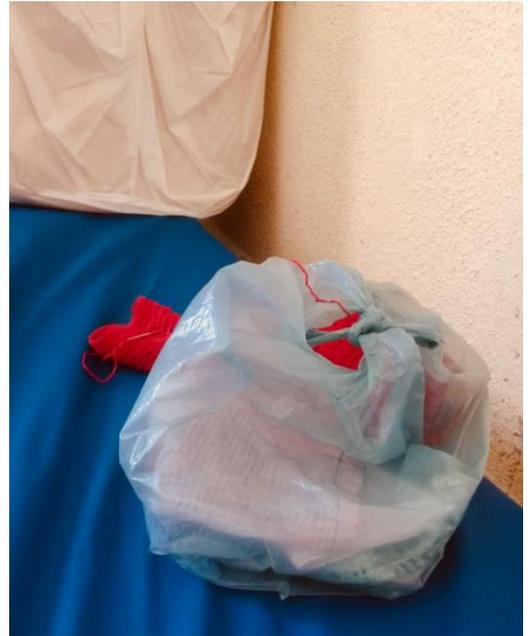
# Estufa

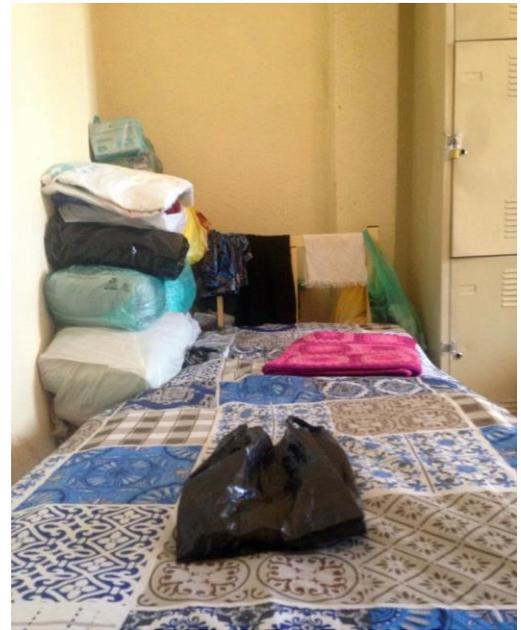
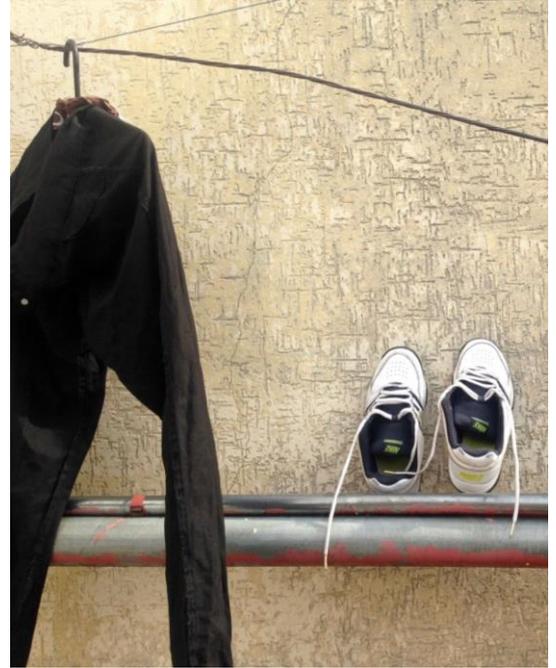


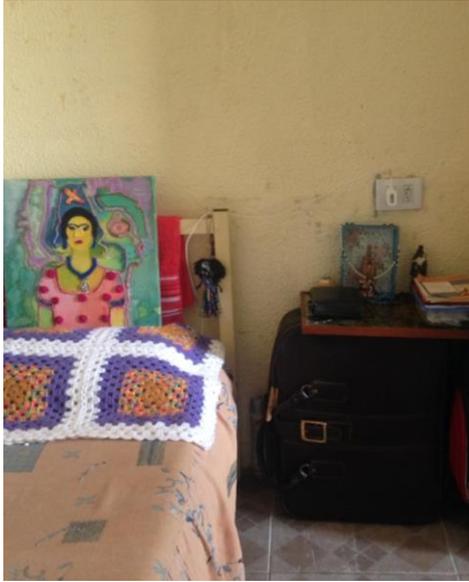




# Cestas

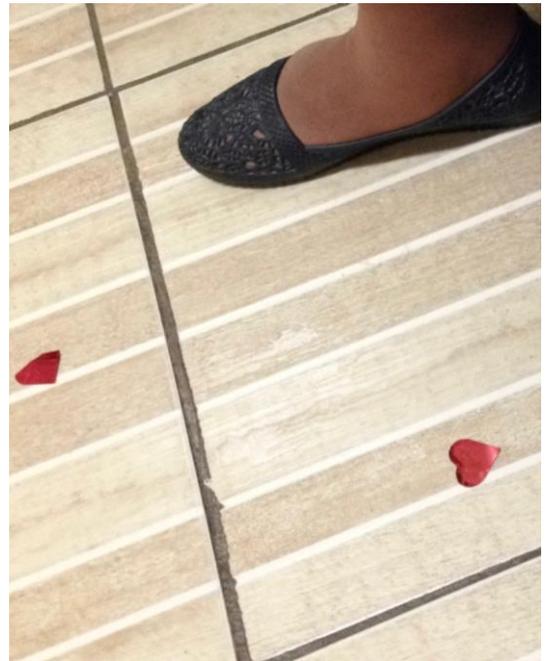




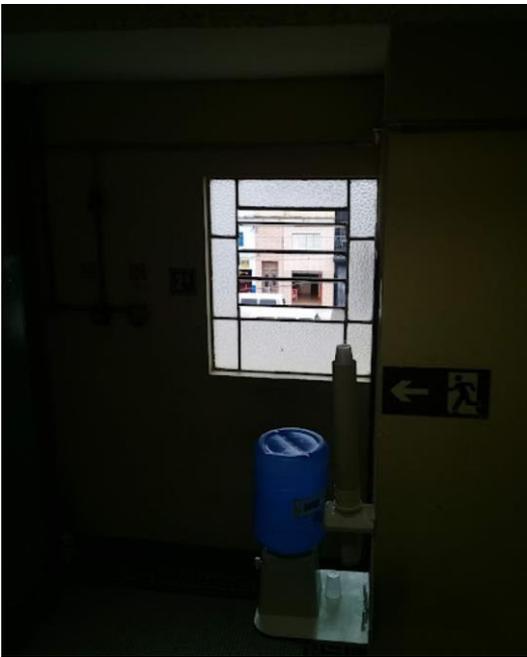
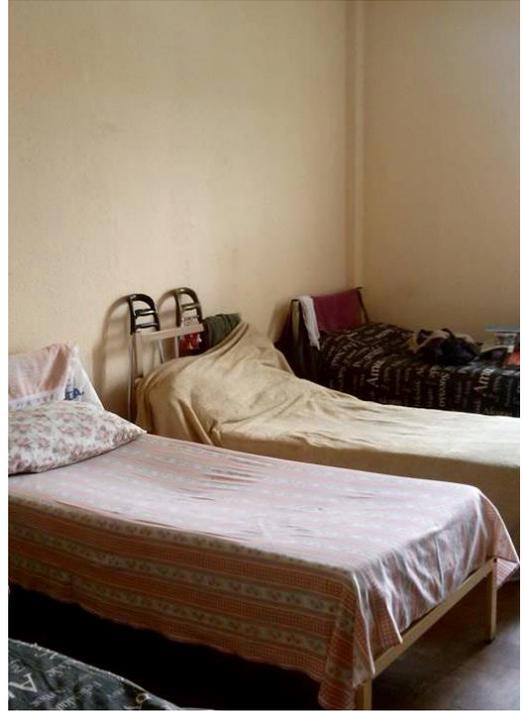


# Entre Andares, Pássaros e Flores



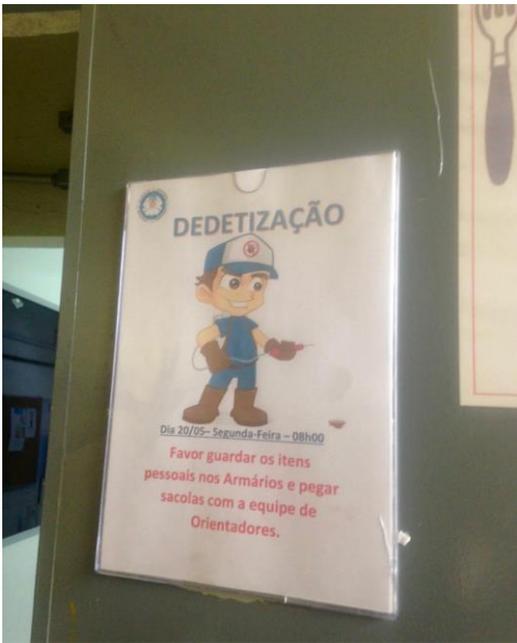
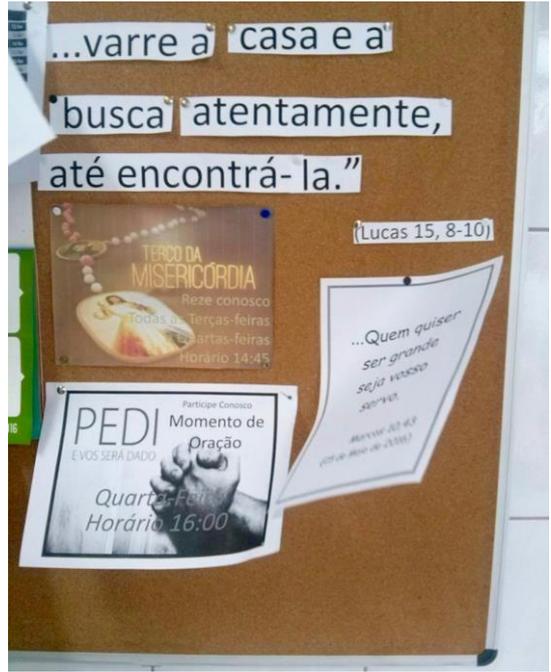


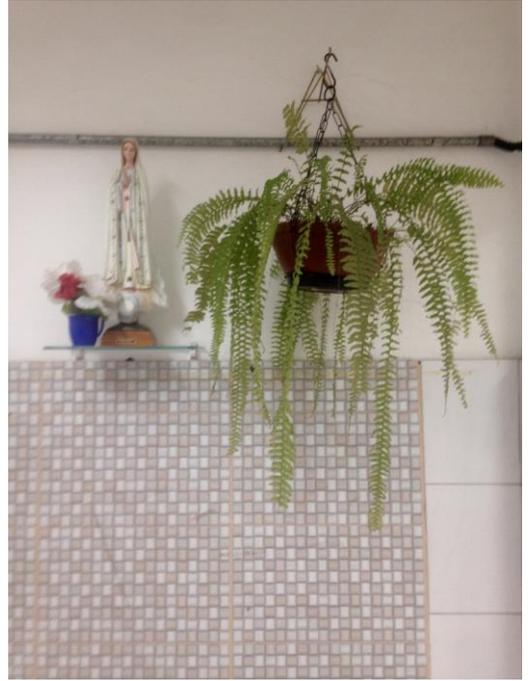


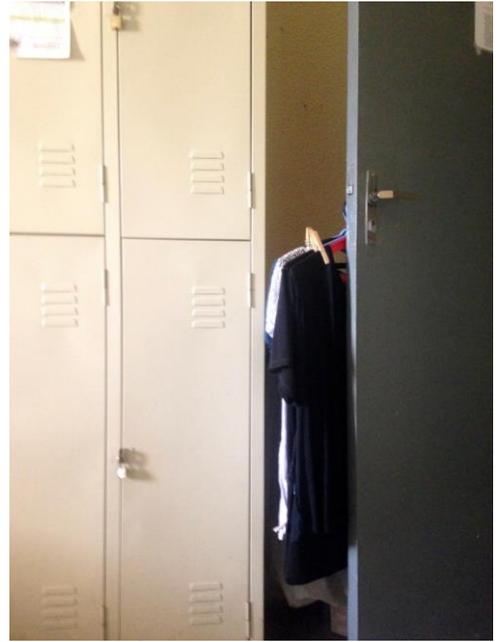




# Pregados







Sussurro em teia:

roça dos dias,

brotos do tempo e

verteras veias

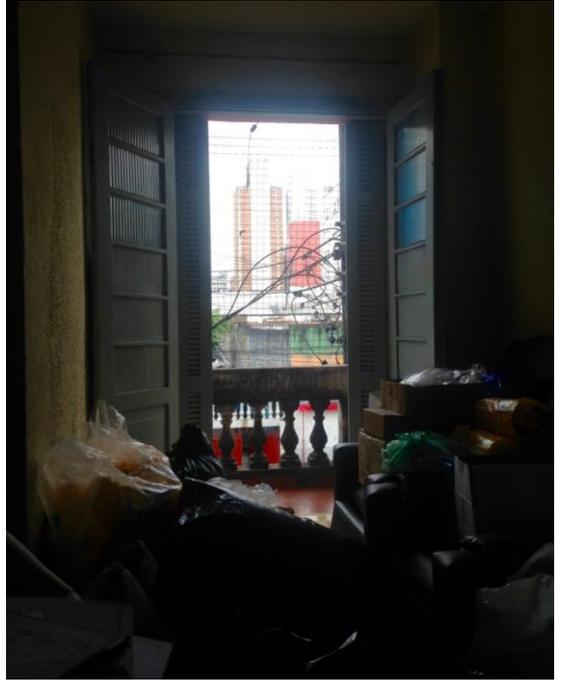








Um  
Outono  
na  
Estação



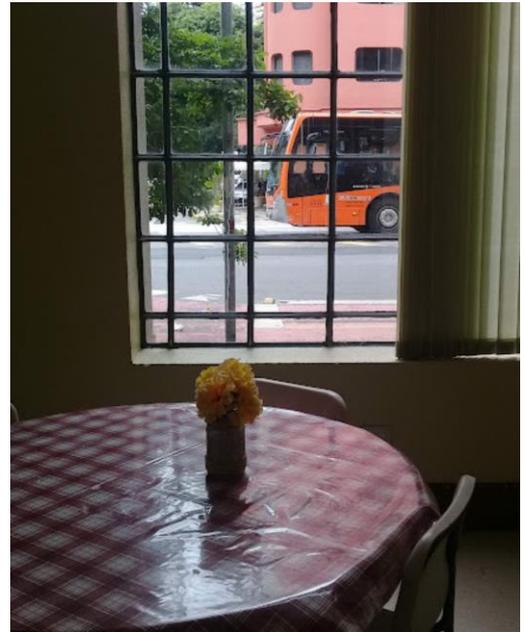


Parte II –

A partir

da Estufa

Guarida  
Damaris



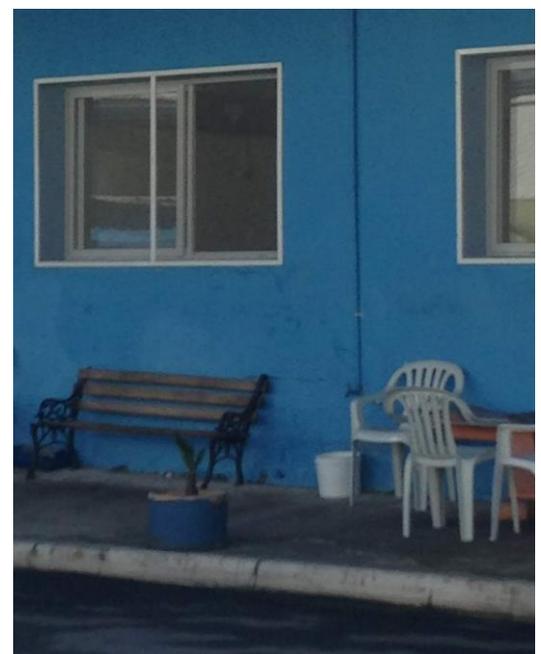
# Riachão



# Busca e encontro com Piá



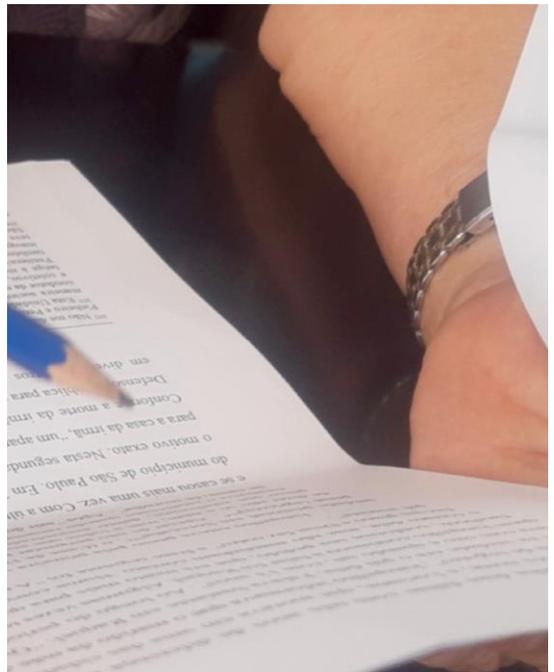
Guarida  
Acidália



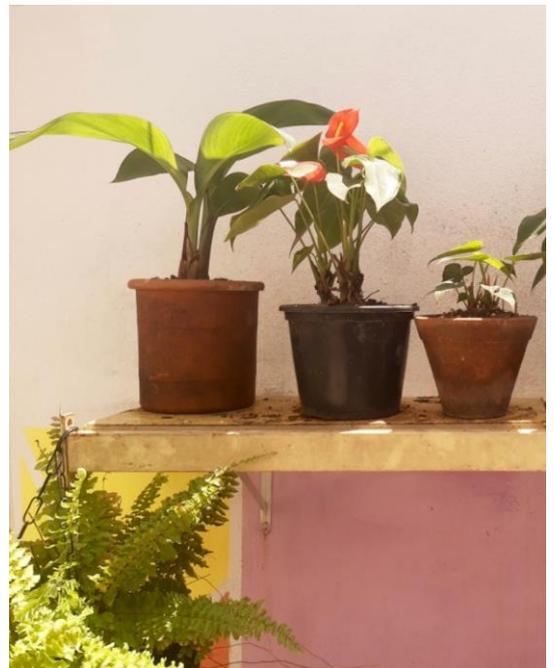
# Parte III – Um certo depois

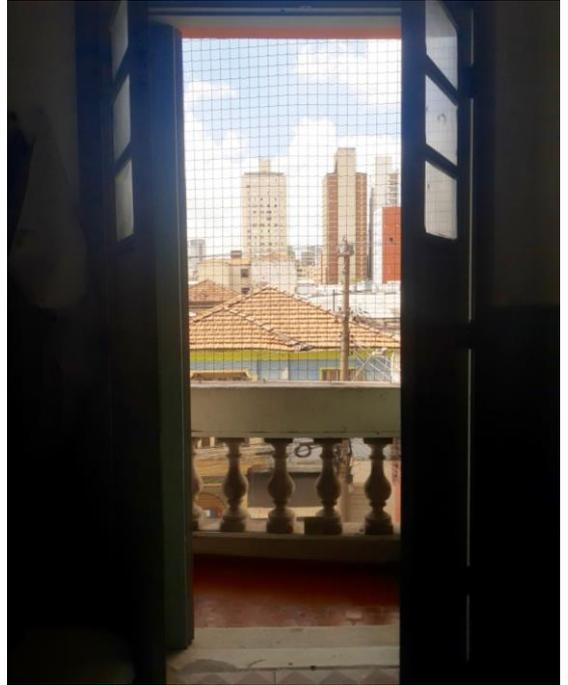
# Reencontros e Pareceres das Trajetórias etnobiografadas





A Estação  
Sentinela  
anos  
depois







Parte IV –

Montar e Desmontar

Lembranças





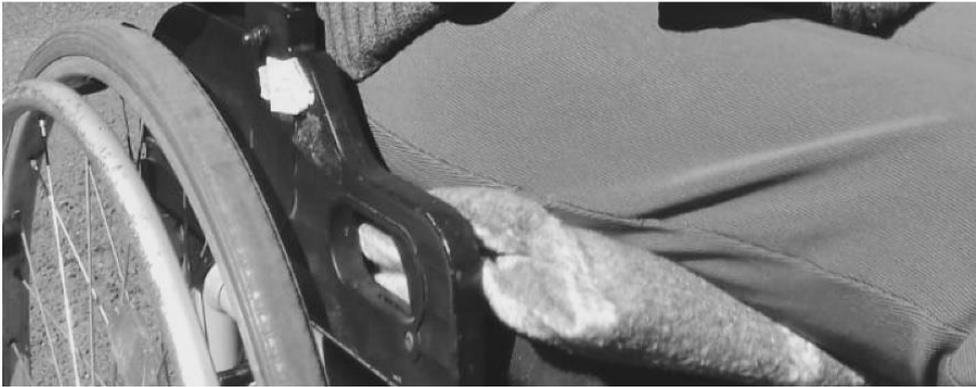


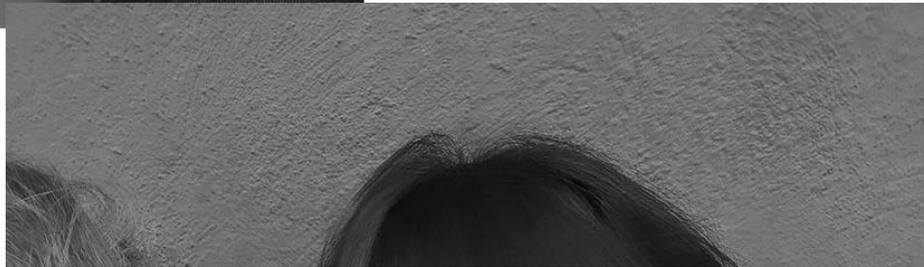




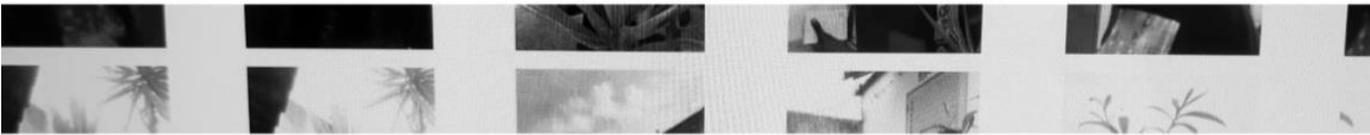


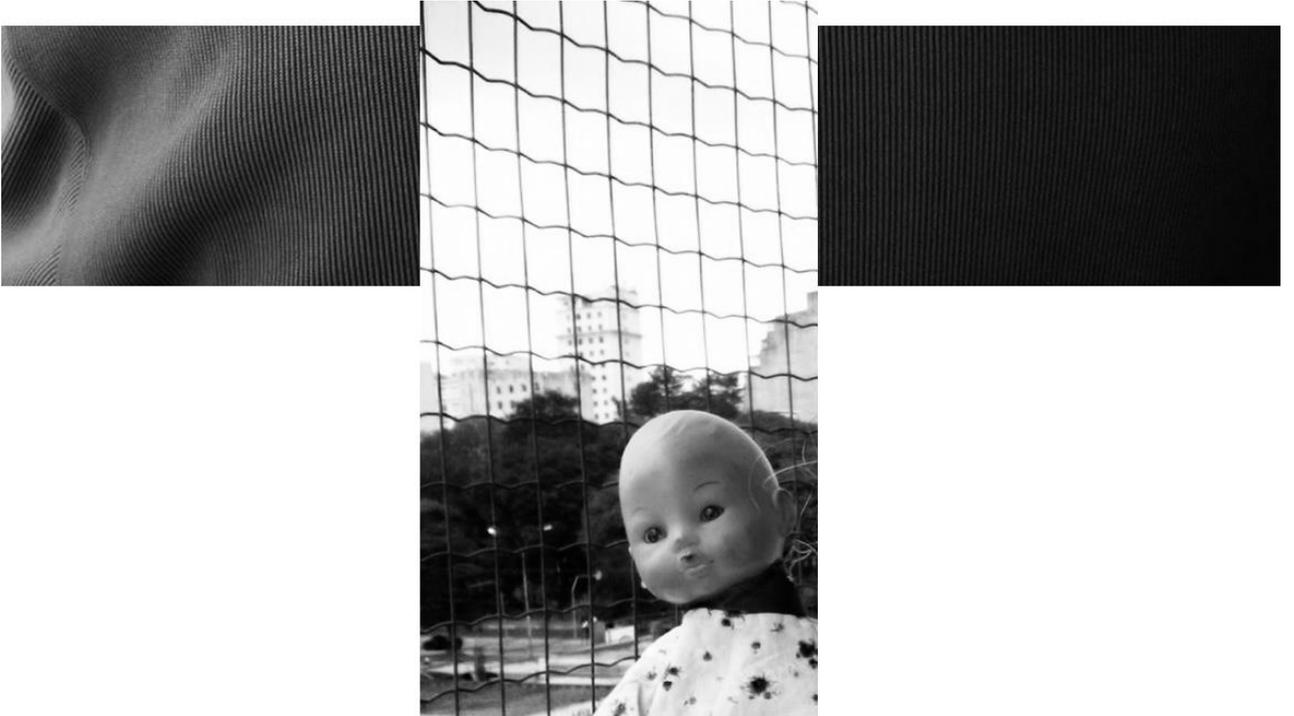
chamar Orientador para conversar com ela,  
caso ela chegue até a portaria

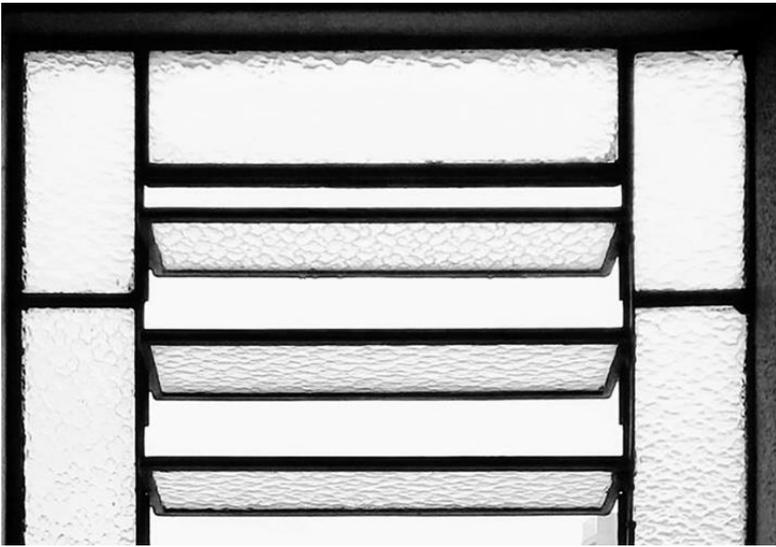






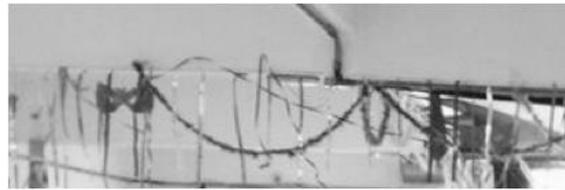
















## Referências Bibliográficas

- ACHUTTI, Luiz Eduardo. **Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho**. Porto Alegre. Torno Editorial; Palmarinca: 1997.
- BARTHES, Roland. **A Câmara clara: nota sobre a fotografia**. Tradução de Júlio Castoñon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Carlos R. Fotografar, documentar, dizer com a imagem. **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ Núcleo de Antropologia e Imagem. N. 18. Rio de Janeiro: Contra Capa/ UERJ/NAI, 2004.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu** (5), 1995, p. 07-41.
- KOFES, Suely. As grafias – traços, linhas, escrita, gráficos, desenhos - como perturbação no conhecimento antropológico. **Revista De Antropologia Da UFSCar**, 12(2), 12–26, 2020. <https://doi.org/10.52426/rau.v12i2.345>
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2a edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. **Ponto Urbe**, 2, 2008.
- PORTELLO, Alessandro. **História Oral como arte de escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- ROSALDO, Michele Zimbalist. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. Em direção a uma antropologia do self e do sentimento. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 18, n. 54, pp. 31- 49, dezembro de 2019.
- SAMAIN, Etienne. O que vem a ser um olhar? Prefácio. In: ACHUTTI, Luiz Eduardo. **Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho**. Porto Alegre. Torno Editorial; Palmarinca: 1997, p. XVII-XXI.
- STRATHERN, Marilyn. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. Coordenação editorial: Ferrari, Florencia. Tradução: Dullei, Iracema; Pinheiro, Jamille; Valentini, Luísa. São Paulo: Cosac Naify, 2014.